

## PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO: ESCOLAS PAROQUIAIS NO CONTEXTO DO ENSINO DE PRIMEIRAS LETRAS EM SÃO PAULO

*Protestantism and education: parochial schools in the context of the teaching of first letters in Sao Paulo*

José Rubens L. Jardimino<sup>1</sup>  
Éber Ferreira Silveira Lima<sup>2</sup>  
Leandro de Proença Lopes<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre as escolas paroquiais do protestantismo em São Paulo, na segunda metade do século XIX. Na primeira parte, elaboramos uma leitura histórica sobre as relações entre o protestantismo e a educação, apontando especialmente o contexto da inserção do protestantismo no Brasil. A segunda parte compõe-se de duas experiências educacionais das missões protestantes em São Paulo: uma referente à tradição calvinista-reformada (presbiteriana) de Escola Paroquial de modelo norte-americano e a outra, de experiência Batista (congregacional) sobre os primórdios do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, no final do século XIX e começo do século XX.

**Palavras-Chave:** História da Educação, Educação e Protestantismo, Instituições Escolares.

### ABSTRACT

In this paper we present a study of the parochial schools of Protestantism in Sao Paulo in the second half of the nineteenth century. In the first part a historical reading about the relations of Protestantism and Education, noting particularly the context of the insertion of Protestantism in Brazil. The second part consists of two experiences of protestant missions in Sao Paulo: one concerning the Calvinist-Reformed tradition (Presbyterian) school parochial of North American model, and the other is the Baptist Church experience (Congregational tradition) on the origins of Brazilian Baptist College in Sao Paulo, the late nineteenth and early twentieth century.

**Keywords:** History Education, Education and Protestantism, Educational Institutions

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia e Teologia (1986), mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1993) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Realizou estudos de pós-doutoramento em Ciências da Educação nas Universidades: Université Laval (Québec, Canadá, 2007) Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia (UPTC, Colombia, 2008). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP no Departamento de Educação - DEEDU e no PPGE - Mestrado em Educação. professor visitante e pesquisador na Rudecolombia (Rede de Universidades Públicas Colombianas) e Universidades na Espanha e França. Pesquisa nas áreas Formação de Professores e História da Educação (Instituições Escolares). Foi fundador da Revista Eccos e seu editor até 2010. É membro Comitê Científico da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED e membro da Sociedad de Historia de la Educación Latinoamericana - SHELA, seu atual presidente (2007-2011). E-mail: jrjardilino@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (1993), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (2002) e doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (2008). Atualmente é professor da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Pesquisa sobre Protestantismo e Educação.

<sup>3</sup> Doutorando em Educação na área de História da Educação na Universidade Nove de Julho, SP, pesquisando sobre Instituições Escolares sob a orientação de Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino e Ester Buffa. É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2008).

## Introdução

Num certo sentido, o pensamento educacional protestante esteve à margem das preocupações das pesquisas em História da Educação. No que diz respeito à História da Educação brasileira, o quadro não é diferente, e a realidade educacional protestante permanece em muitos aspectos desconhecida. Alguns estudos<sup>4</sup> têm procurado analisar os pressupostos pedagógicos presentes na educação religiosa oferecida pelos missionários protestantes no Brasil. Todavia, argumentamos que o ato educativo desses missionários não é relegado à educação religiosa. Em consonância com o projeto político-pedagógico da Reforma Protestante na Europa, no século XVI, os missionários que chegaram ao Brasil em meados do século XIX demonstraram forte preocupação com questões sociais e com as necessidades da realidade educacional com o qual se defrontaram. Dessa forma, com a organização das primeiras igrejas protestantes em solo brasileiro, deu-se também a implantação das primeiras escolas paroquiais. Encontrando na elite paulistana clima favorável às ideias pedagógicas que ofereciam, novas e “modernas” para a realidade brasileira, as escolas paroquiais influenciaram decisivamente os rumos da educação no país.

Analisaremos, neste artigo, o contexto em que se deu a implantação das escolas paroquiais em São Paulo na segunda metade do século XIX e a tentativa de inserção dessa ideologia religiosa no campo educacional da província de São Paulo. Na primeira parte, procedemos a uma leitura das relações entre protestantismo e educação, apontando especialmente o contexto da inserção do protestantismo no Brasil no século XIX. A segunda parte compõe-se de duas experiências educacionais das missões protestantes em São Paulo: a primeira refere-se à experiência presbiteriana da Escola Paroquial do modelo norte-americano; a segunda, à experiência batista nos primórdios do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo.

### 1. Educação e Protestantismo Brasileiro

Iniciamos a discussão sobre as escolas protestantes de primeiras letras, referenciando-as num marco mais geral – o protestantismo e educação no Brasil. Temos dito que o capítulo da Educação, embora estratégica na “empresa” missionária, conforme os historiadores do protestantismo (MENDONÇA, 1984; BASTIAN 1994; LEONARD, 2002), tem sido pouco estudado tanto no que diz respeito às marcas do

---

<sup>4</sup> Apresentamos alguns trabalhos pioneiros na temática: a pesquisa de dissertação de mestrado de Jether Ramalho (1976), que, pioneiramente, realizou o estudo sobre os colégios protestantes, a partir das práticas pedagógicas dessas instituições, na perspectiva da Sociologia da Educação; o estudo de Fernando de Azevedo (1960), sobre o Mackenzie; a dissertação de mestrado de Maria Lúcia Hilsdorf Barbinti (1977) sobre as Escolas Americanas em São Paulo e, posteriormente, a de Elias Boaventura (1978) sobre a Educação Metodista no Brasil e a de Edni Schroeder (1982), que faz uma análise da proposta educacional dos colégios metodistas no Brasil. Mais recentemente, temos o trabalho do professor Antonio Maspoli Gomes (2000) sobre Religião Educação e Progresso, apresentado como tese doutoral, que indica o impacto do protestantismo na formação da mentalidade do empresariado industrial de São Paulo (formação de engenheiros), relacionando educação e negócios, num período que marcou o desenvolvimento industrial e socioeconômico de São Paulo (1870 - 1914). Mencionamos, ainda, a tese de Hack (2000) sobre Protestantismo e Educação Brasileira e mais dois trabalhos recentes, importantes para compreensão do tema: a tese de Cesar Vieira (2006) e o trabalho de Jane Soares de Almeida “Missionários norte-americanos na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX”, publicado em 2007, na RBE.

protestantismo na educação brasileira como à sua importância no interior da própria História do Protestantismo no Brasil. Poucos têm-se aventurado a esse debate<sup>5</sup>.

Alguns pesquisadores (HACK, 2000; MENDONÇA, 1984; 1990; 1992) indicam que a fundação de escolas do protestantismo brasileiro foi uma “estratégia missionária”. De certa maneira, a hipótese desses pesquisadores, já discutida em suas teses e artigos, tem fundamentação em fontes históricas relevantes, como exemplo esta, expressa nas palavras de um dos pais fundadores do presbiterianismo brasileiro, numa reunião de líderes em 1867:

[...] outro meio indispensável para assegurar o futuro da Igreja evangélica no Brasil é o estabelecimento de escolas para os filhos de seus membros (...) Mas é necessário não cedermos a nenhum obstáculo... *O evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem* e o leva a fazer os maiores esforços para avantajar-se na senda do *Progresso* (HACK, 1985, p. 59, grifos são nossos).

Mendonça, concordando com essa ideia e considerando-a como uma de suas hipóteses em tese doutoral (1984), propõe o seguinte questionamento: quais as razões que levaram os missionários a preocupar-se com a educação formal do povo brasileiro: espírito filantrópico diante do analfabetismo, preocupações com a continuidade da nova igreja, pois a Fé Reformada, e o protestantismo em geral, é uma religião centrada no livro (Doutrina, Culto, Hinos) que necessita de adeptos letrados?

As questões dos pesquisadores conduziram os estudos contemporâneos sobre protestantismo a colocar o acento na perspectiva da relação entre Religião e Cultura. Consideram-nas inseparáveis e defendem suas teses sobre a prática educativa e a propaganda religiosa na escola protestante a partir desse binômio.

A educação não foi apenas uma contribuição de um povo mais evoluído para um mais atrasado, foi a causa importante para a propaganda religiosa<sup>6</sup>. Essa é a tese defendida por esses autores até aqui citados. A religião protestante, antes de fazer adeptos, precisa fazer leitores tanto no campo como na cidade – alfabetizar e *letrar* as pessoas para compreender a *rationalia* de culto e da doutrina; no campo instruindo-os para a preparação do culto (racional), a leitura da bíblia e do catecismo de fé sem a presença do clero – uma fé laica; na cidade para educar as elites para a transformação de mentalidade que estava presente nos objetivos missionários – produzir não apenas uma civilização, mas um estilo de vida, o *American Way of Life* (Mendonça 1984).

É possível situar ou justificar esse *ethos* protestante que acompanhou outros processos missionários desde os princípios do movimento da Reforma e pela difusão do

<sup>5</sup> Os estudos clássicos sobre o tema são: MENDONÇA (1990; 1991); RAMALHO (1976); HACK (1985) SCHROEDER (1982); BOAVENTURA (1979; 1991). Recentemente têm sido defendidas algumas teses e pesquisa sobre essa temática, as quais são referenciadas neste artigo. Uma rápida pesquisa no banco de teses da CAPES com os termos “educação” e “protestantismo” traz o resultado de 105 teses e dissertações.

<sup>6</sup> Émile Léonard analisa as lutas eclesiais e as separações ocorridas no presbiterianismo brasileiro no início do século XX, considerando que a questão educacional foi um tema importante desse debate que houve entre o grupo nacionalista e o grupo das missões norte-americanas. O grupo nacionalista reivindicava “modalidades de evangelização por meios unicamente eclesiais e religiosos, mais diretos e mais francos do que a tática demasiadamente hábil dos colégios “mistos” (LÉONARD, 2002, p.163).

princípio protestante na Europa oitocentista, que foi precursora na luta pela Educação para todos. Exemplo disso, desde o século XVII, foi o ideal de Comênio, que não só escreveu uma normatização didático-pedagógica, mas organizou todo o sistema da escola básica na Europa reformada. Depois temos o exemplo dos protestantes na França, que, embalados pelo espírito laico, ajudaram fortemente a política escolar da *3<sup>eme</sup> Republique*. Conforme Jacqueline GAUTHERIN (2006, p. 91) “[...] a pequena minoria protestante exerceu uma influência notável sobre a pedagogia universitária e sobre a Ciência da Educação”.

Na verdade, é possível falar até mesmo de uma certa liderança dos pedagogos protestantes no governo da *3<sup>eme</sup> Republique*. Eles não tinham como objetivo primeiro *protestantinizar* a escola, a universidade e a França, mas, sobretudo, defender a escola republicana, laica e propagadora da nova pedagogia. Não se trata somente da afirmação de confessionalidade divina do “Conhecimento”, conforme escreveu Calvino na Instituição da Religião Cristã, até porque a identidade desses protestantes republicanos é também mesclada por outras identidades como socialismo radical, filosófico e até da maçonaria, normalistas e membros de outras redes sociais. Os protestantes estão presentes na administração central do movimento laicista na França, da direção da Escola Normal Superior, nas escolas secundárias, nos *Lycée de Mademoiselle*, assim como uma considerável presença (10%) no corpo de professores da educação secundária, na Faculdade de Letras e na Faculdade de Ciência da Educação, em que se formam os professores da escola básica<sup>7</sup>. Isso vai determinar uma concepção propriamente protestante da Educação, naquilo que mais tarde Tillich (1942, p. 17-19) vai chamar de “Princípio Protestante”.

No Brasil, com a chegada dos protestantes (1858)<sup>8</sup>, embora tenham vindo dos EUA, país recém-dividido pela guerra civil, na ocasião são mantidas as mesmas raízes da tradição reformada no que diz respeito à Educação – Fundar Escolas. Com os missionários, chega também a experiência da *escola de paróquia*, que depois deu lugar aos colégios americanos e, posteriormente, às universidades, tal qual foi nos EUA (Harvard, Princeton e outras).

Não é possível concluir categoricamente que a implantação de Escolas no Brasil foi estratégia missionária ou vocação social do protestantismo, especialmente o ramo Reformado Calvinista, mas é possível identificar pistas de natureza político-social que sabemos, *a priori*, conforme Durkheim (1984), determina, num período específico, a entrada de uma religião numa dada sociedade. No caso da América Latina e, em especial, no Brasil, foram as forças políticas e econômicas do liberalismo inglês que permitiram a entrada do Protestantismo. Isso, aliado, naturalmente, aos desejos da elite local que,

<sup>7</sup> Para maiores detalhes, ver Françoise MAYEUR. *Les protestants dans l'instruction publique*. In., Andre ENCREVÈ, *Les protestants dans les débuts de la Troisième République:1871-1885*. Paris. Societé de l'histoire du protestantisme francais, 1979, pp37-48.

<sup>8</sup> Aponta Leonard (2002, p57) que, em 11 de junho de 1858, foi batizado no Rio de Janeiro o primeiro nativo que se convertia à fé protestante – Pedro Nalasco de Andrade. Esse dia foi considerado a data da fundação da Igreja Evangélica Fluminense, a primeira comunidade protestante no Brasil. Entretanto, a incursão de protestantes no solo brasileiro remonta à colônia, com a chegada de pastores calvinistas solicitados por Villegagnon para ministrar o culto reformado e evangelizar os nativos. Os pastores calvinistas Jean du Bordel, Mattieu Vermeil, Pierre Bourdon e André Lafont redigiram a primeira Confissão de Fé Reformada na América, conforme indica Certeau (1975) . No auge de uma questão religiosa entre os huguenotes franceses e Villegagnon, esses pastores calvinistas foram perseguidos e três deles executados na Baía de Guanabara em 19 de fevereiro de 1558. Cf. Sobre o tema confirma Léonard (1958)

seduzida pela ideologia do progresso, admitiu a inserção de estrangeiros protestantes, representantes do liberalismo social, político e econômico. É nesse contexto que o Brasil recebe instituições como a Maçonaria, o Protestantismo e outros. Conforme Mendonça (1990, p. 77)<sup>9</sup>:

O comércio, a agricultura – e, possivelmente uma contribuição norte-americana através de imigrantes confederados – constituíram a modernização do progresso. Na realidade, apesar de tudo, e por não apresentar qualquer risco político, havia um desejo (das elites locais) de assimilar as idéias e práticas geradoras de transformação do anglo-saxões, os quais tornavam-se a liderança (política e econômica) do mundo. A abertura ao mundo anglo-saxão significou o ingresso ao mundo protestante. Esse ideário e o espaço que daí surge, em grande medida causados pelas fissuras entre Estado monárquico e a Igreja (Católica), constituiu-se os fatores favoráveis para a incursão do Protestantismo no Brasil.

O elo que estabelecemos entre protestantismo e educação se expressa na raiz de sua inserção no cenário nacional, uma vez que uma das principais preocupações das elites locais e latino-americanas, em geral, era a de vincular os Estados recém-independentes à marcha rumo ao progresso. A Educação, nesse particular, é o carro chefe. Assim, para além de uma estratégia da ideologia missionária do *american way of life*, está o ideal de progresso que, embora permaneça fortemente impregnado da cultura religiosa *tridentina* no país, permite o ingresso e a ingerência da cultura protestante no imaginário religioso do Brasil. É esse o campo fértil que sinalizou Simonton em seus relatórios a *Board*. Seria o campo no qual os missionários exerceriam suas vocações religiosas e políticas, tornando-se “apóstolos da educação liberal” - semear o evangelho e o progresso da nação. As escolas paroquiais, os colégios americanos do final do século XIX e começo do XX estão inseridos nessa história.

## 2. A experiência presbiteriana: a Escola Americana em São Paulo

A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos envia seus primeiros missionários ao Brasil na segunda metade do século XIX, com o objetivo de cumprir sua missão evangelizadora em um país católico, no embalo do crescimento da influência norte-americana na América Latina. Para cumprir seu propósito, a igreja protestante norte-americana analisou as condições do Brasil e concluiu que era preciso transformar a mente dos “naturais da terra” pela pregação cristã protestante. O primeiro missionário aportou no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1859. Tratava-se do Reverendo Ashbel Green Simonton. Depois viria seu cunhado, o também pastor Alexander Latimer Blackford,

---

<sup>9</sup> Tradução livre, feita pelos autores para utilização neste texto: “El comercio inglés, la agricultura germana – e incluso una posible contribución estadounidense, por medio de inmigrantes confederados – constituyeron la modernización del progreso. Aunque en realidad, por encima de todo y porque no representaba ningún riesgo político, existía el deseo de asimilar las ideas y practicas generadoras de la transformación de los anglosajones, quienes, cabe mencionarlo, habían pasado a ser líderes del mundo. La apertura al mundo anglosajón significó el ingreso al universo protestante. Este ideario y el espacio religioso originado por el alejamiento que se dio entre el Estado monárquico y la Iglesia (Católica) constituyeron factores favorables para la incursión del protestantismo en Brasil” (MENDONÇA, 1990, p. 77).

que fundou uma igreja presbiteriana em São Paulo, no ano de 1865. Outros missionários foram para o interior de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Simonton acreditava que a educação era uma vertente importante na evangelização do Brasil e no esforço de inserir o país na senda do progresso. Cria ele que seria necessário estabelecer escolas para os filhos dos membros da igreja evangélica, a fim de torná-los espiritual e culturalmente diferenciados (SIMONTON, 1982, p. 214). Assim, o procedimento dos missionários norte-americanos pautou-se por instalar as igrejas evangélicas e abrir escolas, em geral vinculadas ao núcleo de evangelização que dava origem às comunidades religiosas que iam sendo estabelecidas. Nas cidades como São Paulo e Campinas, abriram-se escolas dirigidas a qualquer pessoa que se interessasse pela educação ministrada pelos evangélicos. Na zona rural, organizavam-se as escolas paroquiais, voltadas para habilitar crentes e pessoas evangelizadas na leitura da Bíblia. No Brasil da segunda metade do século XIX, a instrução primária era ainda artigo de luxo, o que levava os missionários a alfabetizarem por conta própria na busca por maior entendimento das Escrituras por seus ouvintes. Na verdade, os esforços missionários eram resultantes da convicção de que o evangelho protestante vinha no invólucro cultural perfeito, que se confundia com o conteúdo: trata-se do já mencionado conceito *american way of life*

O historiador presbiteriano Vicente THEMUDO LESSA (1938) registra que, entre os primeiros missionários norte-americanos chegados ao Brasil, encontravam-se duas mulheres, ambas “educadoras”: Misses M. P. Dascomb e Harriet Greenmann. As duas senhoras aportaram no país no ano de 1869 (THEMUDO LESSA, 1938, p. 74). Isso mostra que, no projeto presbiteriano no Brasil, a educação não somente era um importante item da pauta missionária, mas vinha com os traços do mundo moderno, e a participação feminina era uma dessas marcas mais significativas.

A fundação da Escola Americana, em 1870, pelas mãos da pedagoga Mary Annesley Chamberlain e de seu esposo, o Rev. George W. Chamberlain, embora tenha sido uma ação simples, quase sem pretensões maiores, constituiu-se nos anos seguintes como o maior feito educativo dos presbiterianos no Brasil. A escola, inicialmente, funcionou na própria residência do casal (Rua Visconde de Congonhas do Campo, n.1)<sup>10</sup>. “Era um pequeno ensaio [sic], na sala de jantar da residência, aula destinada às alunas que não podiam freqüentar as escolas públicas por motivo da intolerância religiosa”<sup>11</sup> (THEMUDO LESSA, p. 74).

Os Chamberlain desenvolveram, ao longo do tempo, na Escola Americana, métodos e práticas educativas como classes mistas, leitura reflexiva e silenciosa ao invés da leitura em voz alta e da memorização de textos, sem qualquer prática seletiva ou sectária. Aceitavam-se quaisquer alunos, sem preconceitos e discriminações. A Bíblia era o “livro básico”, mas segundo Themudo Lessa<sup>12</sup>, sem propaganda religiosa confessional, baseando-se o ensino na “moral cristã” (THEMUDO LESSA, p. 451).

<sup>10</sup> Localizada no bairro da Luz, região central de São Paulo.

<sup>11</sup> Segundo Mendonça, os registros a respeito de discriminação e intolerância religiosa contra as crianças protestantes nas escolas públicas apontam uma das fortes razões, ainda que pela necessidade urgente, da criação de escolas pelos protestantes. Todavia, o autor reforça a tese de que “as escolas paroquiais foram instrumentos necessários para a implantação do protestantismo em qualquer lugar”, segundo a praxe das missões americanas (MENDONÇA, 1984, p.149).

<sup>12</sup> Vicente do Rego Themudo Lessa foi o primeiro historiador do presbiterianismo brasileiro. Também era teólogo e pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, fazendo parte do grupo nacionalista que fundou a Igreja Presbiteriana Independente.

Ramalho destaca que “[...] no memorial apresentado em 1871, ao Board de Nova York, anexa-se um plano educacional para o novo estabelecimento consubstanciado em quatro grandes temas e assim apresentados: métodos pedagógicos; nome da escola; língua oficial; e liberdades: social, religiosa e política” (RAMALHO, 1976, p. 82-3).

A Escola Americana, que já sugeria no seu próprio nome a filosofia adotada, chegou a receber a visita do Imperador D. Pedro II, no ano de 1878, já funcionando em um prédio na esquina da Rua de São João com Rua Ypiranga (atuais avenidas, talvez o cruzamento mais famoso da cidade de São Paulo). A visita foi noticiada pelo *Jornal do Commercio* de Santos, “declarando Sua Majestade ser a primeira daquele gênero no Brasil” (cf. THEMUDO LESSA, p. 153). Consta que o imperador apreciou os métodos ali empregados, embora expressasse sua discordância do ensino de doutrina protestante na escola<sup>13</sup>. Para ele, a Bíblia deveria ser ensinada no lar e na igreja, não na escola (cf. THEMUDO LESSA, p. 152).

A escola enseja um debate na sociedade, iniciado especialmente pelos republicanos e propagadores das ideias liberais. Um jornal paulistano exalta o modelo implantado: “[...] mostraram todos maravilhosos desenvolvimentos, como não estamos nós brasileiros acostumados a presenciar nas nossas escolas rotineiras do tempo colonial. Encontra-se ali o ideal americano – escola mista regida por mulher”<sup>14</sup>.

Em 1884, Chamberlain foi substituído por Horace M. Lane, um educador norte-americano. Não sendo um pastor ou missionário de formação e ofício (embora a missão presbiteriana lhe tenha conferido o *status* de “missionário”), residiu no Rio e ali foi professor no famoso Colégio Pedro II. Lane era o típico americano empreendedor. Em seu tempo, a Escola Americana tornou-se “Mackenzie College”. Contando com recursos financeiros provenientes dos EUA para a construção de um edifício portentoso (doação de um americano rico, o senhor J. T. Mackenzie, de Nova Iorque), nos moldes arquitetônicos dos *colleges* americanos. No lançamento da pedra fundamental do novo prédio, em 1894, lá estava discursando Cesário Motta, responsável pela administração do ensino paulista na ocasião, lídimo representante das oligarquias do café.

Lane posicionou-se sempre como educador interessado nos novos métodos que a educação brasileira, segundo julgava, precisava. Por isso, foi um cooperador nas reformas do ensino público paulista, promovidas em finais do século XIX e início do século XX. Permanecia, porém, a visão cultural iniciada pelos missionários presbiterianos. O Mackenzie College, sob sua direção, ofereceu-se como uma opção de ensino para as elites paulistas.

Pode-se afirmar que o objetivo dos missionários norte-americanos foi parcialmente atingido. No entanto, embora tenha causado algum impacto na educação paulistana, o Mackenzie não estabeleceu uma influência decisiva, por meio da religião protestante, na definição das práticas religiosas, culturais e políticas das elites paulistas. Na verdade, elas faziam o jogo ambíguo de apoiar os novos métodos pedagógicos dos norte-americanos,

<sup>13</sup> Percebe-se, nessa observação, como estava impregnada a concepção laica de educação advindo do liberalismo, até mesmo expressa no discurso do Imperador de uma nação Católica. Isso reflete que essas ideias estavam largamente difundidas na elite brasileira.

<sup>14</sup> *Correio Paulistano*, de 20 de Agosto de 1872, citado por RAMALHO, 1976.

mas continuavam a educar seus filhos em escolas católicas (particularmente no interior do estado e, especialmente, as meninas). Ou seja: oligarquia cafeeira paulista e Igreja Católica lutavam lado a lado pela manutenção da política de preservação da ordem, do *status quo* político e econômico. Em meio a esse esforço comum, lances políticos transformadores e modernizantes, como a abolição da escravatura, a proclamação da República ou a reforma do ensino, tinham apenas um valor relativo. A política brasileira estava sob o controle desses protagonistas tão tradicionais, vivendo das ambiguidades de suas atitudes e interesses (MANOEL, 1996).

Enfim, a dinâmica político-social em que a educação protestante esteve envolvida no final do século XIX parece-nos ainda um tema interessante para ser aprofundada em novas pesquisas, até porque este trabalho encontrou, no que diz respeito às Escolas Paroquiais, dificuldades na coleta de dados e escassez de dados sobre currículo, organização dos estudos e disciplinas/matérias estudadas. Isso nos leva a inferir que o currículo adotado em seus primórdios foi baseado nos conhecimentos elementares de leitura, gramática e aritmética, com todas as dificuldades inerentes a uma escola para nativos dirigida por estrangeiros e anglofalantes. Uma organização curricular propriamente dita irá se estruturar nos anos seguintes com o crescimento da Escola e sua estruturação conforme o Relatório de Chamberlain em 1871 aos seus superiores no *Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church of New York*.

### 3. A experiência Batista: o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo

O ímpeto missionário dos protestantes norte-americanos não foi alheio à Igreja Batista. Em 1814, foi organizada a Convenção Geral da denominação Batista dos EUA para Missões Estrangeiras. Apesar de alguns conflitos internos, essa reunião marcou o impulso inicial para o envio de missionários batistas a outros países. O historiador Enrique C. Vedder, sobre essa deliberação, comenta:

Esta reunião foi realizada em maio de 1814 na Filadélfia, na ocasião em que foi organizada “a Convenção Geral de Denominação Batista nos Estados Unidos da América para as Missões estrangeiras”. A constituição da convenção declarou que seu objetivo seria dirigir “todas as energias da Denominação em um esforço para enviar as boas novas de salvação aos pagãos e as nações destituídas da pura luz do evangelho” (VASSER, 1977, p. 115)<sup>15</sup>.

Dessa reunião até 1842, verificaram-se trabalhos missionários dos batistas na Birmânia, em Bangcoc, em Hong Kong e na Libéria, além das missões na Europa, especialmente na França, Alemanha, Dinamarca e Grécia. Por falta de fontes históricas mais precisas, considera-se que a chegada do primeiro missionário batista no Brasil se deu

<sup>15</sup> Tradução livre, feita pelos autores para utilização neste texto: Esta reunión se verificó en Filadelfia en mayo de 1814, y se organizó “La Convencional General de Denominación Bautista de Los Estados Unidos para Misiones Extranjeras”. A constitución declaro que el objetivo sería dirigir “las energías de toda la denominación en un sagrado esfuerzo para enviar las buenas novas de salvación a los paganos, y a las naciones destituidas de la pura luz del evangelio (VEDDER, 1977, p. 115).



de forma “acidental”. Por motivos de doença, o missionário Thomas Jefferson Bowen ficou impedido de permanecer na África e, no retorno aos EUA, permaneceu no Rio de Janeiro de 1860 a 1861 (MACHADO, 1994, p. 38). A chegada dos primeiros batistas no Brasil, da mesma forma, não ocorreu com propósitos eminentemente missionários. Em razão da Guerra Civil Americana, alguns grupos deixaram o país em direção ao Brasil, estabelecendo-se, com algum sucesso, em Santa Bárbara D’Oeste. Esses grupos de imigrantes eram guiados pela necessidade premente de iniciarem um novo projeto de vida. Pautados por essa necessidade e imbuídos da ética protestante do trabalho, eles acabaram logrando certo sucesso na sua instalação no Brasil, principalmente nas regiões próximas à cidade de São Paulo.

Em decorrência dessas experiências bem sucedidas dos imigrantes, os batistas americanos decidiram dar início à obra missionária no Brasil, enviando o Rev. William Buck Bagby e sua esposa, a professora Anna Luther Bagby, que desembarcaram no Rio de Janeiro no ano de 1881. O casal Bagby inicia seus trabalhos missionários em Salvador e, depois, tem uma experiência também no Rio de Janeiro. A preocupação com a educação não foi alheia aos batistas, que também consideravam “a Escola como poderoso agente na evangelização”.<sup>16</sup>

O historiador batista Asa R. Crabtree registra a preocupação dos missionários batistas em identificar a cultura norte-americana com a mensagem religiosa que estavam disseminando como uma forma de facilitar seu trabalho missionário: “Nós, evangélicos, estamos plenamente convencidos da superioridade de nossos ideais, mas o povo culto em geral não aceita o Evangelho antes de ficar convencido da superioridade da cultura evangélica” (CRABTREE, 1937, p. 126).

O educador J. W. Shepard, enviado ao Brasil pela Igreja Batista dos EUA, em 1907, para cuidar do plano educacional, chega até mesmo a vislumbrar um ambicioso projeto educacional para a América Latina:

O evangelho tem uma mensagem; os baptistas tem uma mensagem educacional para o mundo. A razão é que elles tem várias doutrinas distintas. Elles seguem as Escripturas como única regra de fé e prática, e creem no progresso social mediante a regeneração individual; na democracia pura, na separação entre o Estado e a Igreja; na evangelização do mundo todo. Sua mensagem educacional toma o seu caráter desta crença fundamental. O modo de levar esta mensagem educacional evangélica ao mundo é por incorporá-los concretamente em alguns collegios. [...] Um número razoável de bons collegios evangélicos pode fazer um serviço incalculável e atingir com sua influência o ambiente educacional nestes paizes latino-americanos (SHEPARD, 1929, p. 12).

A professora Anna Luther Bagby, que acompanha o marido para realizar um trabalho educacional, desenvolveu trabalhos dessa natureza em Salvador e no Rio de Janeiro. Ambos transferem-se para São Paulo em 1901, quando reencontram a professora Mary Ellis McIntire, que haviam conhecido quando desembarcaram no Rio

<sup>16</sup> Item 161 da Ata da 4ª Reunião da CBB na Primeira Igreja Batista de São Paulo, de 22 a 26 de junho de 1910, p.21.

de Janeiro. A professora McIntire havia fundado uma escola em Campinas, no ano de 1890, transferindo-a alguns anos mais tarde para São Paulo. Quando se reencontram, a professora McIntire manifesta o desejo de vender a escola, ocasião que a professora Bagby considera oportuna para iniciar o projeto educacional batista de maneira mais consistente. Ela faz apelos à igreja norte-americana para angariar os fundos necessários para a compra e a manutenção da escola, no que logra êxito. A escola, adquirida em 10 de janeiro de 1902, estava situada na Alameda dos Bambus, nº 5 (atual avenida Rio Branco). Por lá permanece até 1915, quando foi transferida para a Praça dos Guaianazes (atual praça Princesa Isabel). Em 1923, o colégio muda-se para o seu endereço definitivo, na rua Dr. Homem de Mello, 537, no bairro das Perdizes. Com essa aquisição, é fundado o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo.

A despeito do apoio financeiro oferecido pela igreja norte-americana, nem sempre as contribuições atendiam às necessidades da escola. Esse contexto forçou a professora Bagby a criar o Jardim da Infância, como uma maneira de aumentar a receita do Colégio. A novidade interessou a elite paulistana, o que resultou num processo de expansão da escola. Em decorrência disso, também surge uma das primeiras experiências de transporte escolar no Brasil, por meio de veículo de tração animal.

Importante ressaltar também que o colégio buscava destinar-se, inicialmente, para receber exclusivamente meninas. A divisão de meninos e meninas era uma convicção da professora Bagby, o que a distanciava das inovações trazidas pelos protestantes. Todavia, sua convicção cedeu às exigências de captação de recursos e também da clientela que buscava num colégio protestante justamente as inovações proporcionadas. Em razão disso, conforme expressa a professora Bagby, o Colégio Batista acabou aceitando o ingresso de meninos:

O Colégio sob nossa gestão foi sempre destinado ao elemento feminino, mas por motivos financeiros e correspondendo a insistentes apelos, vimo-nos constrangidos a aceitar meninos de até dez anos de idade. [...] O método de co-educação é aproveitável nas escolas primárias até a idade de dez anos mais ou menos. Onde há disciplina e boa inspeção, alunos dos dois sexos podem ser recebidos nos externatos mixtos, havendo recreios separados e fiscalização rigorosa<sup>17</sup>.

O programa preparado pela professora Bagby segue as inovações dos métodos trazidos pelos protestantes. Ela registra o seguinte sobre o programa: “Organizei os cursos a modelo dos grupos escolares para admissão ao ginásio oficial. Dávamos inglês e francês no curso regular e oferecíamos ainda inglês particular e música a pedido”<sup>18</sup>. O programa preparado reflete a influência da formação que recebeu, centrada nas experiências da Escola Nova de John Dewey. Essa influência é assimilada no Colégio Batista, indo de encontro às reformas de inspiração escolanovista surgidas no estado de São Paulo.

<sup>17</sup> HISTÓRICO DA PROFESSORA ANNA LUTHER BAGBY. Relatório do prof. Silas Botelho, prestado à Assembléia da Convenção Batista Brasileira, realizada de 23 a 28 de janeiro de 1952, no jubileu do Colégio Batista, p.23.

<sup>18</sup> HISTÓRICO DA PROFESSORA ANNA LUTHER BAGBY, p. 25.

## Considerações finais

O que até aqui apresentamos é resultado parcial da pesquisa sobre Educação e Protestantismo, realizada em fontes documentais e arquivos das missões protestantes no Brasil, buscando compreender as escolas paroquiais como o embrião do modelo protestante de Educação. A escola paroquial é considerada uma das principais estratégias dos primórdios da inserção dos missionários americanos na sociedade brasileira como estratégia missionária. É dessa escola que se erguerá o edifício escolar protestante no Brasil, especialmente no sudeste, como um mensageiro e executor das ideias liberais no solo pátrio.

É óbvio que na percepção do “historiador” protestante, que fala de um lugar idealizado e, em geral, num gênero cronista, percebe-se pouco a cosmovisão trazida na mala do missionário, que não traz somente o discurso religioso, mas junto a ele um estilo de vida, um *modus operandi*, uma concepção de mundo, que contém, por sua vez, os ideais da política e da economia liberal do final do século XIX. As escolas paroquiais iniciam suas atividades modestamente ensinando o *be-a-bá* e, num crescendo, vão se estabelecendo na sociedade como um modelo, objetivando formar homens livres e independentes, aptos para atuarem numa nova concepção de sociedade. Ramalho (1991, p. 27), ao fazer uma análise dos colégios protestantes, declara que:

Os textos que afirmam o individualismo como um dos princípios básicos da educação são abundantes, freqüentes e provêm de todos os colégios estudados. Nesse ponto a coincidência dos dois sistemas de idéias (protestantismo e liberalismo) é perfeita. Um representa a versão individualista do cristianismo e o outro se fundamenta no pressuposto de que o indivíduo é essencialmente proprietário de sua pessoa. Essa combinação produz uma forte base para a educação que se tenta introduzir no Brasil.

Seja de qualquer tradição, o protestantismo brasileiro<sup>19</sup>, em especial, o de missão, é portador de uma ideia de reforma, que se esboçará claramente por meio da educação, a se iniciar com a Escola Paroquial de primeiras letras e a se consolidar no final do século XIX com o apogeu dos Colégios Americanos e Protestantes. Embora se possa fazer uma distinção entre ambas as experiências educativas –as escolas paroquiais, ligadas diretamente às missões (trabalho evangelizador), possibilitando o sucesso da empresa missionária, uma vez que se materializava na aprendizagem pelo único livro texto - a bíblia - e a participação no culto (cântico dos Salmos e Hinos<sup>20</sup>) – e os Colégios, como obra educativa propriamente dita, pois tinham como objetivo realizar um novo processo civilizatório cristão -, o seu

<sup>19</sup> Na classificação feita por Mendonça (1985) o Protestantismo pode ser de Missão, que se compõe das igrejas que, por qualquer motivação, enviaram missionários para a América Latina, e de Imigração, que se compõe de assistências cúltica/pastoral àqueles que vieram por missões econômicas oriundas dos acordos entre Portugal, Brasil e Inglaterra; e as igrejas para aqueles que imigraram por motivos de trabalho, como os luteranos.

<sup>20</sup> Salmos e Hinos foi o livro de cânticos, na primeira impressão totalmente traduzido do contexto americano para as recém-criadas igrejas presbiterianas e congregacionais no Brasil. Sobre esse repertório devocional, o Prof. Antônio Mendonça (1984), desde sua tese doutoral e em artigos publicados em periódicos da área das Ciências da Religião, realizou vários estudos. No que pese às demais referências, a tese de Mendonça tem até hoje validade sobre a classificação tipológica que ele fez do protestantismo norte-americano no Brasil: Pietista, Peregrino, Guerreiro e Milenarista.

cerne eram as ideias econômicas em plena expansão na América desse período, no apogeu da estruturação do “Império”. Estamos falando de um modelo educacional que ia ao encontro do que as elites brasileiras almejavam: educar o cidadão republicano.

Enfim, as Escolas paroquiais, prioritariamente as presbiterianas, podem levar-nos à ponta do iceberg da construção desse edifício erguido com grandes ideais e que, pela leitura da história do protestantismo, não vingou naquilo que se considerava seu intento maior: *recivilizar* os países católicos do sul da América. Embora os Colégios tenham ilustrado uma elite ascendente, não conseguiram implantar um modelo educacional no país, que, por sua vez, continuou mais perto da tradição católico-ibérica do que calvinista-reformada. A pesquisa não está concluída, mas as pistas nos levam a novas hipóteses de que as escolas foram mais do que uma empresa missionária.

### Referências

ANAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Assembléias anuais de 1910 a 1915.

BARBINTI, Maria Lúcia Hilsdorf. Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo – estudo de suas origens. Dissertação de mestrado. São Paulo, FE/USP, 1977.

BERLIOZ, É. Enseignant. Protestantisme et Modernité: les écoles du pays de montbéliard. 1724-1833. In., *Histoire de l'Éducation*, n. 110, mai, 2006. (numéro spécial: *Les protestants l'école et la laïcité – XVIII<sup>ème</sup> – XX<sup>ème</sup> siècles*).

AZEVEDO, Fernando. *Uma interpretação do Instituto Mackenzie*. São Paulo: Mackenzie, 1960

BASTIAN, Jean-Pierre. *Protestantismos y modernidad latinoamericana : Historia de unas minorías religiosas activas en América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

\_\_\_\_\_. (comp). *Protestantes, liberales y francmasones: sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

BOAVENTURA, E. Reflexões sobre o papel dos metodistas no ensino superior brasileiro, In., *Cristianismo y Sociedad*, n.107, 1991, p.35-67.

\_\_\_\_\_. A Educação Metodista no Brasil: origens, evolução e ideologia. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba, 1978.

CABANEL, P; ENCREVÉ, A. De Luther à la loi Debré. Protestantisme, École et Laïcité. In., *Histoire de l'Éducation*, n. 110, mai, 2006. (numéro spécial: *Les protestants l'école et la laïcité – XVIII<sup>ème</sup> – XX<sup>ème</sup> siècles*).

CERTEAU, Michel de. *L'Écriture de l'histoire*. Paris Gallimard, 1975

CRABTREE, Asa R. *História de los baptistas do Brasil até o ano de 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.

GAUTHERIN, J. Une Polyphonie Protestante dans le concert de la ‘Science de l'Éducation’ 1882-1914. In., *Histoire de l'Éducation*, n. 110, mai, 2006. (numéro spécial: *Les protestants l'école et la laïcité – XVIII<sup>ème</sup> – XX<sup>ème</sup> siècles*).

GOMES, Antônio Máspoli de Araujo. *Religião, Educação e Progresso. A contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Mackenzie, 2000.

HACK, Osvaldo Henrique. *Protestantismo e educação brasileira*. 2ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

HISTÓRICO DA PROFESSORA ANNA LUTHER BAGBY. Relatório do prof. Silas Botelho, prestado à Assembléia da Convenção Baptista Brasileira, realizada de 23 a 28 de janeiro de 1952, no jubileu do Colégio Baptista.

JARDILINO, J.R.L. Educação e protestantismo brasileiro: reflexões e hipóteses. In: Souza, B.M; Sá Martino, L.M. *Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

LÉONARD, Émile-Guillaume. La confession de foi brésilienne de 1557, Aechiv für Reformationsgeschichte, 49, 1958 p. 204-212.

LÉONARD, Émile-Guillaume. *Histoire générale du protestantisme*, Paris, PUF, 1961, 3 vol.

LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. 2ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. “Estratégias e métodos missionários para a década 90”. In: GEORGE, Sherron Kay (ed). *Sonhos em parceria*. Campinas: Missão Presbiteriana do Brasil, 1991.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. “Entre a sacristia e o laboratório” – os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942). Tese de doutorado. Assis/UNESP, 2008.

MAYEUR, Françoise. *Les protestants dans l’instruction publique*. In., Andre ENCREVÈ, *Les protestants dans les débuts de la Troisième République:1871-1885*. Paris. Societé de l’histoire du protestantisme francais, 1979, pp37-48.

MACHADO, José Nemésio. *A contribuição batista para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MENDONÇA, A.G. *O Celeste Porvir: inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo. Edições Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. Ideologia e educação religiosa no Brasil. In, *Cristianismo y Sociedad*, México, Terra Nueva, 1991, ano XXIX, n.107, p.7-23.

\_\_\_\_\_. La cuestión religiosa y la incursión del protestantismo en Brasil durante el siglo XIX: reflexiones y hipótesis. In., BASTIAN, J-P (comp.) *Protestantes, Liberales y francmasones; Sociedades de ideas y Modernidad en América Latina, siglo XIX*. México, DF. Fondo de Cultura/Cehila, 1990.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina (1859-1919) – uma face do conservadorismo*, Tese de Doutorado, Assis, SP:UNESP, 1996].

MORENO, Pablo. La educación protestante durante la modernización de la educación en Colombia, 1869-1928. In., *Cristianismo y Sociedad*, México, Terra Nueva, 1991, ano XXIX, n.107, p.69-87.

*O Estandarte*. São Paulo: Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Números de 20/04/1905, 27/04/1905 e 16/11/1905.

RAMALHO, Jether Pereira. *Práticas educativas e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. As características pedagógicas dos colégios protestantes e as categorias ideológicas do liberalismo. In., *Cristianismo y Sociedad*, México, Terra Nueva, 1991, ano XXIX, n.107, p.25-34.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira (aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil)*. São Paulo: Presbiteriana, 1981.

SCHROEDER, Edni. *Análise da proposta educacional das escolas metodistas*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1982.

SHEPARD, J. W. *Aspirações educacionais da América Latina*. Jornal Batista. Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1929.

SIMONTON, Ashbel Green. “Os meios necessários e próprios para plantar o Reino de Jesus Christo no Brasil”. In: SIMONTON, Ashbel Green. *Diário, 1853-1867*. São Paulo: Presbiteriana, 1982.

THEMUDO LESSA, Vicente. *Annaes da Primeira Igreja Presbyteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, 1938.

TILLICH, Paul. *Substance Catholique et Principe Protestant*. Québec, les Presses de l'Université Laval. Québec: Éditions du Cerf./ Éditions Labor et Fides, 1995.

VEDDER, Enrique C. *Breve história de los bautistas hasta 1900*. 4ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1977.

VIEIRA, César Romero Amaral. *Protestantismo e educação: a presença liberal norte-americana na reforma Caetano de Campos – 1890*. Tese de doutorado. Piracicaba/ UNIMEP, 2006.

*Recebido em Março de 2011  
Aprovado em Junho de 2011*